

Das vassouras aos ramos: estudo das práticas curativas, e médicas do medievo para modernidade.

Maria Deiziane Lino¹

Tito Barros Leal²

RESUMO: No presente artigo nos propomos a refletir sobre a bruxaria, feitiçaria e medicina popular, bem como a ideia de certa similitude entre as tradicionais benzedeadas e as antigas bruxas medievais. Sabemos que durante muito tempo estas mulheres, a saber, as benzedeadas foram tratadas de maneira marginalizadas com a alegação de que seu conhecimento era informal e, portanto não digno de reconhecimento na sociedade. Porém, se tem nestas mulheres há muito tempo um ponto de refúgio e alívio para várias doenças e enfermidades, ou seja, as benzedeadas sempre tiveram um espaço de ação seja na comunidade em que vive nos bairros ou até mesmo na cidade. Propomos-nos analisar como está ideia da similitude entre benzedeadas e bruxa se propaga, de que maneira se fundamentam a existência de tal ligação e quais aspectos permeiam estes dois universos.

Palavras chaves: Bruxas. Benzedeadas. Medicina Popular.

Introdução

Dentro do processo de racionalização do mundo, encontramos muitas lacunas a se pensar, ou seja, o processo de racionalização do mundo nem sempre trouxe clara distinção entre o mundo sobrenatural, e o conceito de religião. Para tal, emergiram de tal mescla figuras mitológicas e lendárias como, bruxas, feitiçarias, mulheres que por vezes não era o que de fato se pronunciava sobre elas. Em tal contexto, pretende-se aqui compreender um pouco tal conjunto a fim de melhor perceber a diferenciação entre a figura das benzedeadas de hoje e a ideia de certa similitude entre essas e as antigas bruxas medievais.

1. Benzedeadas: as remanescentes das bruxas medievais?

Para tal análise considerou-se neste primeiro momento apartir de Jeffrey Richards, uma leitura sobre o que seria a bruxaria no período medievo. E qual a mentalidade que se mantinha a respeito desta figura lendária? Já que os homens e as mulheres do período medieval acreditavam claramente na bruxaria e tinha ela como uma explicação para vários dos problemas e desastres que vinham a lhes acontecer.

Era uma sociedade que acreditava no sobrenatural, no poder das forças das trevas e na ação de satã e de seus demônios no mundo. Acreditava também na bruxaria, que era uma explicação conveniente tanto para as catástrofes naturais súbitas (fome, epidemias, tempestades, enchentes, destruição de safras e animais) quanto para problemas familiares recorrentes, tais como impotência, infertilidade, crianças

¹ Graduanda de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Bolsista do programa de Educação Tutorial – História UVA. E-mail: deiziane_maria.lino@hotmail.com

² Professor adjunto do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (Sobral-CE) e líder do Grupo de Estudos em Residualidade Antigo-Medieval (GERAM-UVA), inscrito no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2016. Presidente da ANPUH-Ceará (Biênio 2016-2018) e Vice-Presidente do SINDIUA (Biênio 2017-2018). E-mail: titobarrosleal78@gmail.com

natimortas e mortalidade infantil. Estes últimos itens explicam por que as parteiras eram tão frequentemente o alvo das acusações de bruxaria. (RICHARDS, 1998:82)

De acordo com a citação acima a bruxaria vem a ser uma das grandes causas para os problemas cotidianos do período medieval, o que era pensado e vivido pelos homens da época tinha muitas das vezes seu surgimento no sobrenatural, principalmente quando se referia a mortes repentinas, já que os trabalhos dos bruxos medievos eram de mão dupla servia tanto para construir como para destruir.

Nessa perspectiva, entende-se que o processo histórico da imagem criada da bruxa medieval emerge de épocas muito distantes dos processos de modernidades. Gilson Xavier argumenta: “sua imagem é, na realidade, uma construção histórica multifacetada; um imbricamento de tendências que se estereotiparam em vários momentos históricos” (XAVIER, 2016: p.123) Corroborando com está assertiva de Xavier e segundo Ellis (1995) citada por Câmara (2006, p. 224) as mudanças em torno da imagem da bruxa começaram de forma gradual e aparentemente bem-intencionada. Aos poucos, a medicina tradicional dos antepassados passou a ser considerada bruxaria pelos que professavam a fé em Cristo, subestimando, sobrepujando e rebatizando antigos saberes. As pessoas que faziam uso dos vetustos conhecimentos pré-cristãos como filtros e poções passaram a ser implacavelmente perseguidas. E com o Cristianismo cada vez mais preponderante, intolerante e imponente, tornava-se inviável que a mulheres continuassem a agir como sempre haviam agido; não se aceitava mais que seguissem remediando a vida.

Desse modo, se criar ao longo dos tempos diversos discursos sobre a imagem da bruxa, ou seja, no século XIX teremos um discurso romantizado, assim como também teremos um discurso eclesiástico propagado pela cristandade contra todas as práticas pagãs. Cabendo aqui ressaltar que dentro do contexto medieval a bruxaria era de todo modo para o discurso cristão, realizado a partir de pactos com o Diabo, desta forma e dentro de tal discurso o pacto era uma renúncia ao cristianismo, ou seja, “a bruxaria satânica era assim a imagem refletida, inversa e abrangente do cristianismo, uma fé alternativa” (RICHARDS, 1988: 82) Salienta que o que Richards traz como fé alternativa vem ao encontro do que procuramos situar neste estudo, já que em meio a tal processo, as práticas curativas, a saber, a prática da benzedura também se situa neste discurso de uma prática alternativa de cura. Mas é plausível ressaltar que estamos falando de dois contextos diferentes, um medieval, e um contemporâneo. Desse modo, busca-se compreender inicialmente, aspectos de tal presença dentro do contexto medieval, e em seguida abordar com estas práticas curativas chegamos ao período colonial brasileiro, relacionado às diferentes relações entre os povos indígenas, africanos, portugueses, que até os dias atuais é possível perceber traços e expressões variadas destas culturas nas

benzedeadas.

Neste sentido, nota-se um discurso religioso repressor da bruxaria, ou de sua crença, ligada, normalmente, ao mal e a figura do demônio, a figura da bruxa vai se conectando ao da mulher, da sua sexualidade, do feminino. Para tanto Richards vai falar das orgias sexuais “As orgias sexuais indiscriminadas eram parte integrante de seus rituais. Isto reflete diretamente o medo milenar do sexo no cristianismo, e também destaca a desconfiança e o desagrado em relação às mulheres como parte integrante da cultura medieval”(RICHARDS, 1988: 84)

Percebe-se, portanto que no momento histórico que acima nos referimos à bruxaria era ligada a todas as formas antigas de crenças populares e magia erudita. O que se quer dizer é que a imagem do feminino, e neste caso, cita-se a figura da bruxa e da benzedeadora, que está em todo caso associada à mulher, foi historicamente determinada pelo universo masculino, patriarcal e violento, pois, dentro deste universo era desonroso para a sociedade masculina que a mulher, por si só, tivesse a capacidade de curar, ou realizar algo referente ao mundo sobrenatural.

Contudo, estas mulheres tornaram-se alvo de perseguições e discussões freqüentes, tida com empoderada, e com grande conhecimento empírico, e de seu potencial curador na idade média, era inaceitável e desonroso para a sociedade patriarcal da época que a mulher pudesse manipular a natureza cristalizada nas plantas em prol da cura do outro. Assim os saberes pagãos eram considerados perigosos já que se acreditava que o poder de curar também poderia levar ao de matar, assim já dizia o autor Peter Burke.

Desta forma estas mulheres iam sendo consideradas ameaça tanto social como religiosa, pois para além do fator social, elas estariam colocando em risco o incipiente saber médico masculino, que estava sendo criado, em paralelo com a ascensão do cristianismo, que no período medievo, legitimava-se como a religião oficial do mundo civilizado. Em relação ao fator social de condenação destas mulheres chamamos atenção para uma questão a da sexualidade, pois como bem vem dizer Richards, um dos grandes medos a ser temido pelo cristianismo era o sexo, no entanto a mulher era vista como a grande detentora da sexualidade selvagem. O trabalho o martelo das bruxas de Kramer e Speenger, citado no livro de Jeffrey Richards traz justamente o sexo como este impulso para a bruxaria: “Toda bruxaria advém do desejo carnal, que é insaciável nas mulheres” (RICHARDS, 1988: 83).

A ascensão histórica do Cristianismo no período medievo logo relaciona à mulher a desobediência, neste sentido tudo aquilo que ia contra os dogmas e as regras da Igreja era preciso ser eliminado, se as mulheres eram vistas com desconfiança pelo Cristianismo, por suas maneiras de agir em meio à sociedade, e por serem diferentes estas precisaria ser expurgada, eliminadas, pois, de todo modo era as grandes causadoras do mal. Não

esqueçamos que estamos falando de um período onde o discurso era totalmente patriarcal e sexista, de um período onde qualquer intriga ou deslizes em suas vidas particulares, em seus trabalhos ou relações sociais era motivo para a tal acusações.

Para tanto Richards vai complementar dizendo que está visão da mulher como um ser ruim, demoníaco, era comum na realidade medieval “oficial”. O gênero feminino era tido como inferioridade, e se mantinha a todo o momento um repúdio ao feminino, uma inferioridade perpetuamente decretada por causa do pecado original de sua ancestral Eva, descrita em Gênesis, em que a mulher se deixar seduzir pela força do mal (demônio) para posteriormente, leva o homem ao pecado. Deste modo a mulher vem a ser a inimiga, fonte do pecado e dotada de malícia, lascívia, assim sendo vai sofrendo as pressões sociais da época, sendo perseguidas, oprimidas, rejeitadas, torturadas, punidas e lançadas vivas em suas fogueiras até a sua morte. Vale ressaltar que para tais extremos havia o Tribunal do Santo Ofício, instituição essa que se amparava em leis e manuais vindos da Igreja católica e que defendiam seus interesses. Outra grande marca dolorosa na história é a caça as bruxas dos séculos XVI E XVII em que se dar um grande extermínio de pessoas acusadas de práticas de bruxaria.

Com a missão de impedir o avanço do protestantismo e garantir o maior controle da Igreja sobre a conduta moral e religiosa dos fieis, a Inquisição perseguia e condenava os que manifestavam simpatia, ou fossem acusados de feitiçaria ou crime de carne. Para tanto quem colocasse em dúvida os dogmas da igreja era pego pelas garras dos Inquisidores. Tal inquisição foi responsável por um dos períodos de maior intolerância e repressão da Igreja, um dos marcos mais sangrento e doloroso contra a humanidade registrado na história.

As bruxas satânicas do final da Idade Média eram, assim, os bodes expiatórios perfeitos, uma minoria inventada, uma imagem compósita do mal, pronta para ser usada e aplicada a qualquer pessoa que discordasse dos dogmas da Igreja e que, pelo uso da tortura e do terror, se tornava realidade. A propaganda contínua sobre o perigo, enraizada como estava em imagens e idéias que podiam ser reconhecidas, penetrou na consciência popular até gerar frutos pavorosos nas caças às bruxas dos séculos XVI e XVII, quando a grande massa das comunidades aceitava e incentivava a caça aos servos de satã (RICHARDS, 1988, 94)

Ou seja, o envolvimento feminino com as práticas mágicas foi ferozmente combatido, e estas consideradas detentoras de malícia, bruxas adeptas do demônio. Para tanto na imaginação do ocidente comum a “bruxa” era algo a ser repudiado, e assim se constrói uma imagem, em cima de suas más característica, totalmente em oposição ao sistema de controle patriarcal, a bruxa sendo a mulher da rebeldia, dos instintos primitivos, e principalmente da sexualidade selvagem, uma imagem a ser eliminada e combatida. Ainda segundo Richards O cristianismo esforçou-se ao máximo para absorver o paganismo e negar a magia pagã,

assumindo os dias sagrados e as festas pagãs, apropriando-se dos lugares sagrados pagãos e construindo igrejas neles, transformando as divindades pagãs em santos. E usando Russel como uma das suas referências Richards expõe: “A perseguição simultânea dos hereges e bruxos pela inquisição papal, estabelecida em 1227, é considerada por Russel como significando que a bruxaria havia então passado a ser vista como uma forma de heresia. (RICHARDS, 1988: 85)

Nesta perspectiva, as práticas populares de cura e as práticas sexuais, como a sodomia, feitiçaria e o curandeirismo era consideradas de todo modo pecaminoso pela Igreja. Teremos assim o que podemos chamar de intolerância étnico-religiosa, contra as mulheres, perseguindo-a e nominando-as preconceituosamente de “bruxas”, alegando elas terem ligações com ideias satânicas. Entretanto, vale ressaltar que está presença dominante e por vez intolerante e extrema da instituição católica, não eliminou inteiramente da cultura européia da época valiosas manifestações populares que, mesmo com a condenação dos padres e demais autoridades da época, foram preservadas e até hoje constituem referências importantes para a cultura mundial. Le Goff ao se referir as resistências do mundo cristianizado vai nos dizer que:

O que resistiu mais a que se estabelecesse o novo Deus não foram os antigos deuses pagãos, mais certas práticas ligadas à magia ou a àquilo que o cristianismo chamará de superstições: culto das árvores, culto das fontes; [...] Convém, contudo, não esquecer-las. Trata-se de crenças, e às vezes de práticas (LE GOFF, 2017: 21)

Percebe-se assim, portanto que mesmo na Idade Média, e apesar de todo o cuidado da Igreja com a manutenção do seu domínio, muitas manifestações populares fugiam ao seu controle religioso. Neste cenário social de imponência, suntuosidade e exuberância da Igreja Católica, única instituição católica da Europa, surge um amplo movimento de contestação e de divisão da igreja. Compreende-se, então que foram muito comuns a perseguição as mulheres, uma superstição criada pela cultura dominante, em que o catolicismo apresenta seu conservadorismo numa missão maior que é resguardar os dogmas católicos e a integridade da fé cristã, controlando todas as práticas religiosas e sexuais consideradas pecaminosas pela mesma, como a feitiçaria e o curandeirismo.

Subjacente a este contexto e já na modernidade teremos um maior desenvolvimento da ciência e já não é mais só a igreja a grande perseguidora e controladora das práticas de curas, a medicina que vai ter de início uma ligação muito forte com a Igreja, já que a igreja era a responsável por educar estas pessoas, passa a lutar de forma mais evidente sobre o controle das práticas de cura e a perseguir ainda aqueles que manifestavam alguma feitiçaria ou crença do tipo. Certamente está perseguição não era só a elas mais a tudo que fazia concorrência com o saber médico das academias, havendo uma imposição do saber medicinal em

desenvolvimento sobre as práticas populares. A Igreja assim, matinha naquela época um poder muito expressivo, logo aqueles que enfrentavam seu poder eram chamados de *Hereges* ou infiéis. Por outro lado apesar de toda perseguição sofrida as bruxas, tidas como endemoniadas, malfeitoras e como grandes ameaças, resistiram, ressignificaram sua missão e permanecendo entre nós sob outras denominações.

Para tanto é preciso salientar que ao enxergamos o imaginário relacionado às mulheres, percebemos que, ao longo dos tempos, as representações do feminino e masculino foram construídas mediante algumas crenças enraizadas no universo social de determinados grupos e épocas. Ou seja, Igreja e Estado reagem conforme as ideias que circulavam nesse universo. Assim teremos o sagrado e o místico que a partir de então confundem-se em rituais, práticas e dogmas, passados de geração a geração, legitimado no caso do período em questão, principalmente pelo discurso religioso e científico.

Assim para melhor compreendermos, a prática e a atividade de cura dos antepassados no Brasil colonial e na modernidade fazem-se necessário no reportamos às origens das atividades de cada ofício e as relações complexas e variáveis que existia para os que exerciam está atividade. Entretanto, tal situação é produto de um longo processo histórico, marcado por antagonismos e conflitos que se estenderam na Europa Ocidental, desde a Idade Média, até o período colonial brasileiro, onde teremos as primeiras escolas de cirurgias. Durante todo este período perceberemos como as relações culturais e sociais foram marcadas por diferenças, e como os paramentos curativos de uma medicina européia, fundada em moldes antigos e medievais foram transpostos para o Brasil colonial. (VIOTTI, 2012: 16).

1.2 Práticas Medicantes e os saberes Médicos na colônia do Além-mar

No período colonial, a religiosidade, especificamente a católica fora implantada no Brasil, através dos jesuítas, foram eles a incorporar os primeiros elementos cristãos na América portuguesa, ou seja, a chamada Companhia de Jesus iniciava suas atividades na colônia baseada na cristandade Européia, dava-se início assim uma reordenação social e moral, baseada nos valores cristãos. Em uma missão que se fez presente e ativa, logo os desafios e as dificuldades se faziam presente. “Os grandes desafios que se impuseram aos portugueses recém-chegados à então Terra de Santa Cruz foram muitos, como a implantação de uma estrutura administrativa, a progressiva ocupação territorial, o assentamento dos colonos, a organização dos primeiros engenhos açucareiros e o enfrentamento de uma geografia, uma flora e uma fauna desconhecidas” (CALAINHO, Daniela, 2005: 61-75).

No entanto toda está dificuldade seria apenas um detalhe diante da missão maior dos jesuítas que era a conversão dos gentios. “A incorporação espiritual do novo território foi

missão fundamental a que se dispuseram os jesuítas, viabilizada pelo projeto catequético, expressão de uma vocação universal que caracterizou esta nova cristandade, a partir do século XV, com a expansão do missionarismo” (CALAINHO, Daniela, 2005: 62-63).

Para além de toda esta propagação cristã dos jesuítas, os mesmos tinham por outra missão cuidar da saúde da colônia. Para tal missão vinha de Portugal alguns homens formados na arte médica, só que é preciso deixar claro que nem sempre, ou melhor, dizendo na maioria das vezes, quem chegavam para tal missão era de certa forma inexperiente e desconhecedor de tal arte, assim iam aprendendo na prática o ofício, estes se diziam físicos, sangradores e até cirurgiões (CALAINHO, Daniela, 2005: 64).

Para Daniela Buono “a escassez de médicos leigos, formados por escolas de medicina na Europa, pelo menos até o século XVIII, fez dos jesuítas os responsáveis quase que exclusivos pela assistência médica no primeiro século de colonização do Brasil.” (CALAINHO, Daniela, 2005: 64).

Estes ainda segundo a mesma foram aprimorando seus conhecimentos mediante contato com outras pessoas que tinha dentro da colônia algum conhecimento. Fazendo uso de terapêuticas diversas, irão aproveitar muito da medicina indígena, malgrado a tudo isto as práticas mágicas e ritualísticas dos indígenas não serão bem vistas e nem aceitas, de imediato os jesuítas se assustam, pois seus olhos estão diante de um povo, de uma sociedade totalmente diferente do comum da mentalidade europeia. Daniela Buono nos expõe:

Os olhos dos jesuítas estavam diante de uma sociedade extremamente diferente, cujos costumes, crenças e ritos por vezes os assombraram, exigindo persistência e determinação ao lidar com o canibalismo, com a poligamia, com o incesto, com suas crenças e com a organização, para eles caótica, do modo de vida do indígena. O Novo Mundo povoava-se de ameríndios tidos como bárbaros, ferozes, quase animais, intensificando-se os propósitos jesuíticos de resgatá-los desta espúria condição. Nóbrega, indignado, via-os como “cães em se comerem e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem”, “gente de condição mais de feras bravas que de gente racional”. Para Anchieta, inclusive, a própria integração e convivência tranqüila do indígena com a natureza colonial, para ele avassaladora, perigosa e misteriosa, era claro indício de animalidade (CALAINHO, Daniela, 2005: 71)

O repúdio apresentado aos indígenas gera certas determinações e persistência por parte dos jesuítas em combater certo canibalismo, para isto e já nos primeiros anos da colonização, os pajés serão os alvos principais dos padres missionários. Aqui está outro ponto em que o olhar demonológico dos jesuítas vai se intensificar sobre os nativos, as práticas mágico-religiosas dos gentios, cujos protagonistas principais eram os pajés, era de todo modo a grande figura indígena. Carlos Alberto Miranda vai dizer “O pajé era um misto de profeta e médico que estabelecia o contato entre o mundo dos homens e dos espíritos.” (MIRANDA, 2004: 196).

Podemos assim dizer que os jesuítas foram os primeiros a trazerem a arte médica para as terras brasileiras, no entanto com o passar do tempo, foram surgindo os demais profissionais que exerceram a medicina no Brasil colonial, foram, predominantemente, os físicos, os cirurgiões, barbeiros, boticários, que aqui chegam com as expedições. Por outro lado já temos aqui aqueles que praticavam a cura por outros meio, ou seja, curandeiros, benzedeiros, que tinham um meio próprio de controlar suas enfermidades. Entretanto a inquisição e o ensino dogmático dos jesuítas criaram sérios obstáculos aos avanços dos novos conhecimentos científicos, vários foram os fatores das dificuldades médicas no Brasil colonial, podemos citar: a inexistência de profissionais na área, desinteresse dos portugueses em vim para o Brasil e principalmente a proibição do ensino superior na colônia. A presença de médicos na colônia se deve em muitos casos ao Santo Ofício que os obrigou a virem para o Brasil, de todo modo, se viu antes da emergência da clínica e do ensino especializado, nessas terras a possível cura para os males através das ações do curandeiro e práticos de parcos conhecimentos.

Somente após a chegada da Família Real e sua corte no ano de 1808 é que se terá a institucionalização do saber Médico no Brasil. Já no ano de 1808 duas escolas de cirurgia será construída em solo brasileiro, uma na Bahia e outra no Rio de Janeiro. Mais tarde e já no ano de 1832 chega às faculdades de Medicina. No entanto antes do estudo oficial da arte da cura, já existia nos séculos anteriores diversas outras formas e personagens que a seu modo buscava tratar o doente e as doenças. Para tanto quando os primeiros profissionais da saúde chegam ao Brasil se deparam com os curandeiros, aquém os mesmos vão dizer que não estavam habilitados para o exercício da prática médica. No entanto, as críticas acerca da ação de cura dos curandeiros não se relacionam aos religiosos, recaindo, principalmente sobre os “empíricos”. Que em grosso modo, esses eram homens e mulheres que praticavam suas curas baseadas em suas experiências com ervas, e orações. E como bem ressaltar Ana Carolina Viotti, no período colonial terá uma existência de uma medicina plural e heterogênea, onde temos: o mito de empirismo e o conhecimento acadêmico, a utilização de materiais diversos em prol da cura, desde excrementos a simpatias, se referindo as prescrições de plantas nativas para sana as enfermidades. (VIOTTI, Ana Carolina, 2012: 12-15).

Em torno das práticas terapêuticas da época surgiram muitos relatos, aguçando o imaginário em diversas épocas diferentes. O confronto que se estabeleceu entre a medicina científica *versus* a medicina “rústica” e empírica herdada de gerações passadas, pelas muitas mulheres que detinham o uso deste conhecimento, aflorar nossa imaginação até os dias atuais. É plausível apontar que o imaginário da mulher como portadora do mal, como a detentora de conhecimentos, referente à bruxaria, tem data marcada na história, se constituindo como um

dos marcos mais marcantes da História, denominada História Medieval. (CÂMARA, 2016: 221-230). As ações destas mulheres eram resultado de um discurso normatizador, oriundo das tradições portuguesas e européias transplantadas para a colônia. Em uma trajetória de múltiplas fases, os papéis desempenhados, assim como suas ações principalmente no caso das mulheres pobres poderiam caracterizar um modo de resistência, no qual sua sobrevivência estava em jogo, devida às circunstâncias do contexto.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Gilson Xavier. **Das vassouras aos Ramos: o arquétipo das benzedeiças nas antigas bruxas medievais**. Mandrágora, V.21. n.21, 2015, p. 119 – 133. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/viewFile/5125/4853>
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: ed. Unisinos, 2003
- CALAINHO, Daniela Buono. **Jesuítas e medicina no Brasil colonial**, Tempo, Rio de Janeiro, n° 19, pp. 61 – 75
- CÂMARA, Yls Rabelo. **Das bruxas medievais às benzedeiças atuais: A oralidade como manutenção da memória na arte de curar – pesquisa Exploratória**. Revista do GT de literatura oral e popular da ANPOLL, BOITATÁ, Londrina, n. 22, jul – dez 2016.
- CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. **Ser rezadeira: experiências e práticas culturais de participantes da Medicina popular**. Mangueira – Recôncavo sul da Bahia (1950 – 1970). Revista fazendo Gênero 8 – corpo – violência e poder, p. 1- 7, 2008.
- MIRANDA, Carlos Alberto Cunha, **A arte de curar nos tempos da colônia: Limite e espaços da cura**. Recife: Fundação de cultura cidade do Recife, 2004, 487p.
- RICHARDS, Jeffrey. “Sexo, Desvio e Danação: As minorias na Idade Média”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1993.
- SOUZA, Laura de Melo. **O Diabo na Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia de Letras, 2005.
- VIOTTI, Ana Carolina, **As práticas e os saberes médicos no Brasil Colonial (1677 – 1808)** – Franca: [s.n], 2012.